Tradução de um excerto do livro *The Hitchhicker's Guide to The Galaxy*

Original:

The house stood on a slight rise just on the edge of the village. It stood on its own and looked over a broad spread of West Country farmland. Not a remarkable house by any means – it was about thirty years old, squattish, squarish, made of brick, and had four windows set in the front of a size and proportion which more or less exactly failed to please the eye.

The only person for whom the house was in any way special was Arthur Dent, and that was only because it happened to be the one he lived in. He had lived in it for about three years, ever since he had moved out of London because it made him nervous and irritable. He was about thirty as well, dark haired and never quite at ease with himself. The thing that used to worry him most was the fact that people always used to ask him what he was looking so worried about. He worked in local radio which he always used to tell his friends was a lot more interesting than they probably thought. It was, too — most of his friends worked in advertising.

Tradução:

A casa ficava em uma pequena colina bem nos limites da aldeia. Ela ficava isolada e dava para uma vista de ampla extensão de terras agrícolas do oeste da Inglaterra. Não era, de modo algum, uma casa excepcional – tinha cerca de trinta anos, achatada, quadrada, feita de tijolos, e tinha quatro janelas na frente de um tamanho e proporção que mais ou menos exatamente não agradavam aos olhos.

A única pessoa para quem a casa era de alguma forma especial era Arthur Dent, e isso era apenas porque era a casa onde ele morava. Ele morava nela há cerca de três anos, desde que se mudou de Londres porque a cidade o deixava nervoso e irritado. Ele tinha cerca de trinta anos também, cabelos escuros e nunca muito à vontade consigo mesmo. O que mais o preocupava era o fato de as pessoas sempre perguntarem por que ele parecia tão preocupado. Ele trabalhava na rádio local, o que sempre dizia aos amigos que era muito mais interessante do que eles provavelmente pensavam. E era, mesmo — a maioria de seus amigos trabalhava em publicidade.

Tradução de um excerto do livro *Mrs. Dalloway*

Original:

Mrs. Dalloway said she would buy the flowers herself.

For Lucy had her work cut out for her. The doors would be taken off their hinges; Rumpelmayer's men were coming. And then, thought Clarissa Dalloway, what a morning — fresh as if issued to children on a beach.

What a lark! What a plunge! For so it had always seemed to her when, with a little squeak of the hinges, which she could hear now, she had burst open the French windows and plunged at Bourton into the open air. How fresh, how calm, stiller than this of course, the air was in the early morning; like the flap of a wave; the kiss of a wave; chill and sharp and yet (for a girl of eighteen as she then was) solemn, feeling as she did, standing there at the open window, that something awful was about to happen; looking at the flowers, at the trees with the smoke winding off them and the rooks rising, falling; standing and looking until Peter Walsh said, "Musing among the vegetables?" — was that it? — "I prefer men to cauliflowers" — was that it? He must have said it at breakfast one morning when she had gone out on to the terrace — Peter Walsh. He would be back from India one of these days, June or July, she forgot which, for his letters were awfully dull; it was his sayings one remembered; his eyes, his pocket-knife, his smile, his grumpiness and, when millions of things had utterly vanished — how strange it was!—a few sayings like this about cabbages.

Tradução:

A Sra. Dalloway disse que ela mesma compraria as flores.

Pois Lucy teve o trabalho de tê-las cortado para ela. As portas seriam retiradas das dobradiças; Os homens de Rumpelmayer estavam chegando. E então, pensou Clarissa Dalloway, que manhã — fresca como se fosse entregue à crianças na praia.

Que farra! Que mergulho! Pois assim sempre lhe parecera quando, com um pequeno rangido das dobradiças, que ela podia ouvir agora, ela arrebentou as janelas francesas e mergulhou em Bourton ao ar livre. Quão fresco, quão calmo, mais calmo do que isso, é claro, o ar estava no início da manhã; como o bater de uma onda; o beijo de uma onda; fria e afiada e ainda (para uma garota de dezoito anos como ela era) solene, sentindo como estava, parada ali na janela aberta, que algo terrível estava prestes a acontecer; olhando as flores, as árvores com a fumaça saindo delas e as gralhas subindo e descendo; de pé e olhando até que Peter Walsh disse: "Refletindo entre os vegetais?" — foi isso? — "Prefiro homens a couves-flores" — foi isso? Ele deve ter dito isso no café da manhã, quando ela saiu para o terraço – Peter Walsh. Ele voltaria da índia um dia desses, junho ou julho, ela esqueceu, pois suas cartas eram terrivelmente maçantes; eram suas palavras que se lembravam; seus olhos, seu canivete, seu sorriso, seu mau humor e, quando milhões de coisas desapareceram completamente — que estranho! — algumas poucas frases como esta sobre repolhos.